

O PAPEL IDEALIZADO DO BOMBEIRO: E O SER HUMANO POR TRÁS DA FARDA?¹

DAIANE CAPITANEO^{*}
KAMILA RIBEIRO^{**}
JULIANO CORRÊA DA SILVA^{***}

RESUMO

Socialmente, a palavra bombeiro apresenta uma conotação de heroísmo e salvação. Este artigo teve o objetivo de perceber como o bombeiro concilia sua profissão com a vida pessoal e social, transitando entre o ser humano e o papel de herói. A pesquisa foi realizada com bombeiros militares que atuam na rede de segurança pública de uma cidade do extremo oeste de Santa Catarina. Participaram da pesquisa quatro bombeiros do gênero masculino, com idade de 28 a 32 anos e experiência profissional entre seis e oito anos. A seleção dos participantes ocorreu por meio de conveniência, tendo como único pré-requisito atuação na área há no mínimo cinco anos. Metodologicamente, foi utilizada a pesquisa qualitativa com análise de conteúdo, tendo como instrumento para coleta de dados entrevistas semiestruturadas, elaboradas a partir dos interesses de investigação, bem como a partir da leitura do referencial teórico. Da análise dos relatos dos participantes surgiram seis categorias, quatro a *priori* e duas a *posteriori*, em que se destacam questões relativas à escolha profissional, ao relacionamento familiar e ao atendimento psicológico. Percebe-se que há a necessidade da criação de uma barreira para a realização do trabalho, como mecanismo de defesa. Entretanto, por esta barreira não ser totalmente desconstruída, acaba por interferir nas relações familiares e sociais. Portanto, faz-se necessária maior atenção para com esses profissionais, proporcionando-lhes suporte psicológico, devido à carga emocional com a qual convivem diariamente.

PALAVRAS-CHAVE: Papel idealizado. Bombeiro. Herói.

ABSTRACT

THE IDEALIZED ROLE OF A FIREMAN: HOW ABOUT THE MAN BEHIND THE UNIFORM?

Socially, the word fireman has a connotation of heroism and salvation. This study aims to realize how the fireman combines his profession with the personal and social life, traveling between the human and the role of hero. The survey was conducted with firefighters who work in the Military Public Safety Network in a city in the west end of Santa Catarina. Four firemen participated in the survey, male gender, aged from 28 to 32 years old, and with work experience between six and eight years. The selection of participants was done by convenience; the only pre-requisite was having worked in the area for at least five years. Methodologically, a qualitative survey was used with content analysis, and data collection instrument for semi-structured interviews, drawn from the research interests, as well as from the reading of the theoretical. Six categories emerged from an analysis of the reports: four a *priori* and two a *posteriori*, in which issues stand out on career choice, the family relationship, and psychological support. It was observed the need to create a barrier for carrying out the work, as a defense mechanism. However, since this barrier is not fully deconstructed, it ultimately interferes with family and social relationships. Therefore, it was found necessary to pay greater attention to these professionals, providing them with psychological support, because of the emotional charge with which they live daily.

KEYWORDS: Idealized role. Fireman. Hero.

RESUMEN

EL ROL IDEALIZADO DEL BOMBERO: y el hombre detrás del uniforme?

Socialmente, la palabra bombero tiene una connotación de heroísmo y salvación. Este artículo tiene como objetivo entender cómo el bombero concilia su profesión con la vida personal y social, entre el

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Psicólogo no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, Câmpus São Miguel do Oeste.

^{*} Acadêmica de Psicologia da Unoesc, câmpus de São Miguel do Oeste. E-mail: daiapq@hotmail.com

^{**} Acadêmica de Psicologia da Unoesc, Câmpus de São Miguel do Oeste. E-mail: kammy_mk@yahoo.com.br

^{***} Orientador; psicanalista; mestre em Psicologia Clínica (PUCRS). E-mail: correa.juliano@hotmail.com

ser humano y el rol de héroe. La búsqueda se realizó con el Cuerpo de Bomberos trabajando en la red de seguridad pública de una ciudad en el extremo oeste del estado Santa Catarina, Brasil. Los participantes fueron cuatro bomberos varones, con edad entre 28 y 32 años y experiencia entre seis y ocho años. Los participantes fueron seleccionados por conveniencia, siendo el único pre-requisito la experiencia de al menos cinco años. Metodológicamente, se utilizó la investigación cualitativa para el análisis de contenido, y como instrumento de recolección de datos entrevistas semiestructuradas desarrolladas a partir de líneas de investigación y a partir de la lectura de la base teórica. A partir del análisis de los informes de los participantes surgieron seis categorías, cuatro *a priori* y dos *a posteriori*, donde se destacan las cuestiones relativas a la elección de carrera, relación familiar y atención psicológica. Se percibe que hay necesidad de crear una barrera para el logro del trabajo, como un mecanismo de defensa. Sin embargo, esta barrera no es totalmente deconstruida y viene a interferir en las relaciones familiares y sociales. Por lo tanto, es necesario prestar mayor atención a estos profesionales, brindándoles apoyo psicológico para soportar la carga emocional con la que viven todos los días.

PALABRAS CLAVE: Papel idealizado. Héroe. Bombero.

1 INTRODUÇÃO

Socialmente, a palavra bombeiro apresenta uma conotação de heroísmo e salvação. Em consequência, sendo tarefa do bombeiro todo e qualquer tipo de salvamento, a profissão está associada a heroísmo e ele passa a ser idealizado como um ser confiável e insuperável na solução das piores tragédias, quando tudo está perdido¹.

Os bombeiros não são mais chamados apenas para atender aos casos de incêndios, mas são convocados para atender às mais diversas circunstâncias, desde salvar um gatinho preso no telhado, até o resgate de pessoas presas em acidentes automobilísticos, tempestades, enchentes, explosões, vítimas de quedas, pessoas presas em elevadores, entre outros².

Ao se pesquisar sobre a palavra bombeiro e sobre a organização do Corpo de Bombeiros, verifica-se que sua origem é bastante antiga. De acordo com Campos³, “a palavra bombeiro tem origem no latim, derivada de bomba (*bombus*), visto que, na antiguidade, os incêndios eram controlados através de bombas de água”.

O bombeiro, no exercício da sua atividade profissional, coloca sua vida em risco para salvar a de terceiros e/ou para defender bens públicos e privados da sociedade. O risco é inerente a essa atividade profissional e, segundo o Estado Maior das Forças Armadas, “O exercício da atividade militar, por natureza, exige o comprometimento da própria vida”³.

Muitos fatores influenciam na escolha de uma profissão, de características individuais a convicções políticas e religiosas, valores e crenças, situação político-econômica do país, família e os pares. A literatura aponta a família como um dos principais fatores que ajudam ou dificultam no momento da escolha e na decisão do jovem como um dos fatores de transformação da própria família⁴.

Portanto, escolher um trabalho, uma profissão, é escolher a forma pela qual se quer participar do mundo em que se vive, que é, sem dúvida, uma forma de ser responsável também pelas escolhas dos outros⁵.

Neste aspecto, a escolha profissional do bombeiro é uma forma de estilo de vida, escolha com a qual se identifica e que está disposto a conviver diariamente, tendo em vista sua responsabilidade em relação a si mesmo e principalmente com a sociedade, colocando sua vida em risco em prol do bem-estar e segurança da população.

O grupo familiar constitui o grupo de participação e de referência fundamental para a escolha da futura profissão⁶. Para Soares⁷, a expectativa quanto à escolha de uma profissão, está intimamente ligada ao real significado que o trabalho tem para aquele indivíduo em especial, “intermediado pelo sentido que ele tem para o seu grupo primário, ou seja, a família”.

O bombeiro deve ser compreendido em sua totalidade, e para compreender a identidade profissional, é necessário compreender como o sujeito se percebe

em seu papel profissional, como considera que é percebido e como sua atividade está relacionada a outros aspectos de sua vida. Percebe-se que essa identidade profissional de bombeiro militar ultrapassa os limites organizacionais e invade a vida pessoal do sujeito, demonstrando, assim, a importância de se compreender a identidade profissional não como uma parcela isolada do sujeito, mas, sim, como uma das facetas desse ser total⁸.

A profissão por se tornar também uma identidade do indivíduo, tem influência na forma de relacionamento, de formação de grupos e pares com quem o profissional estabelece relações. Tem influência direta na questão familiar, e até mesmo de estruturação e funcionamento da família, uma vez que cada um tem seu papel e função no grupo familiar.

O respeito e o cumprimento das regras da organização acabam padronizando o comportamento dos sujeitos que ali trabalham em diversos aspectos de sua vida, como, por exemplo, no modo como atendem a uma pessoa. Em outros termos, mediante imposições rigorosas de comportamento por parte da organização, os sujeitos acabam incorporando tais diretrizes em sua vida pessoal e ampliam seu padrão de comportamento para outros setores além do campo profissional, como família e grupos de amigos⁹.

Convém salientar que o bombeiro é muito valorizado pela comunidade. Existe uma alta aprovação dos serviços que presta, entretanto muitas vezes é responsabilizado por questões que estão fora do seu alcance, como trânsito, falta de materiais, entre outras. Portanto, essa é uma profissão muito exigida, física, emocional, psicológica e socialmente, e por meio deste diagnóstico percebe-se o amor e o sofrimento envolvidos no dia a dia desses trabalhadores, o que torna esse trabalho ora uma paixão, ora um verdadeiro esforço pela sobrevivência³.

A valorização da profissão do bombeiro é inerente em nossa sociedade, já que está diretamente ligado ao perigo e segurança das pessoas. O bombeiro é um dos profissionais ao qual a sociedade não admite a possibilidade do erro, é em quem a população confia e deposita suas melhores

expectativas, a idealização de salvador, sem perceber que antes de profissional que salva, o bombeiro é um ser humano com sentimentos, dúvidas, angústias e medos, como qualquer pessoa, que está sujeito ao erro, e que nem sempre conseguirá salvar a vida das pessoas que irão atender.

Esta situação traz questionamentos: Como o bombeiro vive? De que forma se relaciona com a sociedade? É possível se desvincular da profissão fora do local e horário de trabalho? A sociedade consegue desvincular o papel de herói do ser humano por detrás da farda? E como o bombeiro concilia sua profissão com sua vida pessoal?

Portanto, fazem-se necessários estudos que abordem essas questões, que se perceba a necessidade da atenção às mais diversas classes de trabalhadores desde a saúde até a segurança, pois todos antes de profissionais, são pessoas.

Levando em consideração a demanda de atendimentos a que os profissionais são expostos, tais como catástrofes naturais e acidentes de trânsito, bem como a cobrança de segurança e atendimento esperados pela sociedade, a disciplina rígida da organização de trabalho, a responsabilidade da profissão, as expectativas da família em relação à profissão, tendo como princípio fundamental salvar vidas, e como visão ideal não tolerar e nem praticar o erro no desempenho da profissão de "herói", prestar um suporte de resgate e melhor atendimento possível aos vitimados, o estudo teve como objetivos: perceber como o bombeiro concilia sua profissão com a vida pessoal e social, transitando entre o ser humano e o papel de herói, da mesma forma; investigar se a escolha profissional foi motivada pela idealização do papel considerado heroico do bombeiro; compreender como o relacionamento familiar se estrutura em torno da profissão, e como o profissional percebe sua relação com a sociedade, como profissional e indivíduo participante.

2 MÉTODO

2.1 Participantes e coleta de dados

A pesquisa foi realizada com bombeiros militares que atuam na rede de segurança pública de uma cidade do

extremo oeste de Santa Catarina. Participaram da pesquisa quatro bombeiros do gênero masculino, com idade de 28 a 32 anos e experiência profissional como bombeiro entre seis e oito anos. A seleção dos participantes ocorreu por meio de conveniência, levando em consideração a proximidade e local em que residiam na cidade, a fim de facilitar e agilizar a coleta de dados. Teve como único pré-requisito para a participação a atuação na área de no mínimo cinco anos, por possuir maior experiência do desempenho as atividades da função, bem como ter experiência em situações diversas e complexas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizou a análise de conteúdo categorial para análise dos dados. O período de coleta foi de julho a agosto de 2011, por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas e posteriormente transcritas. Entrou-se em contato com cada participante por meio de ligação telefônica e visitas à sede da Corporação de Bombeiros, sendo que três das quatro entrevistas foram realizadas no local de trabalho, em dias em que os profissionais estavam de serviço, e uma das entrevistas foi realizada na casa do entrevistado, a pedido do mesmo, que, segundo esclareceu, sentiu-se mais à vontade para relatar sobre sua vida pessoal e profissional junto da família. Por questão de sigilo, os participantes serão denominados como Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 3 e Entrevistado 4. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicação que contém informação sobre o comportamento humano atestado por uma fonte documental⁹.

De acordo com Chizzotti (2005, p. 98)¹⁰, o objetivo da análise de conteúdo é “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. Esses procedimentos podem privilegiar um aspecto da análise, seja decompondo um texto em unidades léxicas ou classificando-o em categorias, seja revelando o sentido de uma comunicação no momento do discurso ou o significado dos conceitos em meios sociais diferenciados.

Ainda sobre o assunto, Chizzotti (2005, p. 99)¹⁰ esclarece:

Esta técnica procura reduzir o volume amplo de informações contidas em uma comunicação a algumas características particulares ou categorias conceituais que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação ou investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural.

Salienta-se que, à medida que os dados se repetiam, foi possível perceber que o momento das entrevistas poderia ser finalizado, para dar continuidade ao estudo e analisar o conteúdo captado pelas falas. Nesse sentido, quando as descrições convergiram, percebeu-se que o fenômeno havia sido desvelado e, assim, alcançou-se a compreensão de seus significados.

Na análise de conteúdo das entrevistas, foram observadas quatro categorias *a priori*, que se referiam aos objetivos do projeto, e duas *a posteriori*, que emergiram do processo de análise do material coletado. Foram seis as categorias encontradas: 1) A escolha profissional; 2) Ser humano *versus* herói; 3) Uma barreira automática; 4) Relacionamento familiar; 5) As perdas para o bombeiro, e 6) Atendimento psicológico.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Criadas há mais de dois mil anos, com a missão de dar combate ao fogo, as corporações de bombeiros não apenas desenvolveram técnicas e aperfeiçoaram tecnologias e qualificaram suas intervenções com rígido comando e disciplina, mas ampliaram significativamente seu campo de atuação².

O marco da criação do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina ocorreu oficialmente em 26 de setembro de 1926, sendo chamado de Seção de Bombeiros e contando com um efetivo de 27 praças. A corporação foi acompanhando as transformações históricas da sociedade e, atualmente, conta com um efetivo de mais de quatro mil militares, distribuídos em todo o território estadual³.

Segundo Ternes (19-- , p. 43)², “A

tarefa primordial de todas as missões de um bombeiro é salvar vidas humanas”. Com responsabilidade, qualquer ação requer excelente destreza física e emocional, além, é claro, de grande habilidade na operacionalidade de equipamentos em geral.

Entretanto, para exercer tal atividade, que exige um esforço tanto físico quanto emocional, é necessário que a escolha profissional seja realizada com cautela, pois envolve uma responsabilidade consigo mesmo, e acima de tudo, com a vida e a sociedade. Esses fatos levam à primeira categoria: a escolha profissional.

Escolher é decidir, entre uma série de opções, aquela que parece melhor. Para isso, é preciso avaliar os prós e os contras de cada possibilidade e saber que, fazendo uma opção, está-se deixando de lado todas as outras; a escolha envolve exclusividade. Portanto, a escolha profissional constitui um processo contínuo que vai da infância até a idade adulta, que geralmente apresenta influências familiares e sociais⁵.

É no trabalho, ou através dele, que o homem se constitui como indivíduo em uma sociedade, e é esta mesma sociedade que atribui valores a quem exerce uma determinada função.

De acordo com o discurso do entrevistado 3, percebe-se que a escolha profissional, não decorreu de um desejo de infância, mas, sim, da busca da estabilidade que um concurso público oferece:

Bom, na verdade abriu concurso, eu olhei, já era o chamado concurreseiro, estava fazendo vários concursos. Daí, era tempo que não abria o concurso dos bombeiros, eu pensei, abriu o concurso de bombeiros, eu pensava, vou fazer, né, vai, vai que passa, então, né, eu gostava antes de ser bombeiro, eu gostava dessa profissão, que é muito gratificante ser bombeiro. (Informação verbal do entrevistado 3).

Percebe-se, ao longo da sua fala, que essa não foi a profissão “sonhada” pelo entrevistado, e, embora hoje ele se sinta satisfeito com sua profissão, faltou-lhe entusiasmo ao falar nela. Talvez,

devido à busca pela estabilidade de um concurso público, tenha optado pelo “certo” ao invés do “duvidoso”, pois há uma diferença em realizar uma função que gosta, e uma que se aprende a gostar e receber mais por essa função.

De acordo com Natividade (2009, p. 415)³, em relação aos bombeiros, estudos demonstram que, entre os principais fatores que influenciaram a escolha profissional, encontram-se itens relacionados ao conteúdo da profissão: “atender e ajudar as pessoas, gostar da vida militar e sempre quis ser bombeiro (sonho de criança)”. Entretanto, na presente pesquisa, os resultados em relação à escolha profissional foram diferentes, pois se constata que a identificação inicial ocorreu com outra profissão:

Porque, na verdade, eu não queria ser bombeiro. Eu conhecia e queria ser polícia, a polícia, tenho alguns primos policiais, tios aposentados na polícia [...] fiz concurso para Polícia Rodoviária Federal e não passei. [...] Fiz a inscrição para o concurso dos bombeiros, nos últimos dias, empurrado pelo meu irmão, meu pai e minha mãe, e passei. (Informação verbal do entrevistado 4).

Nas falas de todos os entrevistados, a escolha profissional não foi “sonho de criança”, mas, sim, uma possibilidade de estabilidade financeira. Da mesma forma, é unânime, nos discursos, a presença de informações que se referem a um interesse em seguir a carreira militar, no caso, na Polícia Rodoviária Federal, concurso anterior ao dos bombeiros, mas nenhum dos entrevistados obteve êxito.

A personalidade influencia fortemente a escolha profissional. Pessoas com determinadas características exercerão determinadas ocupações e com melhor êxito do que outras. O fator personalidade pode ser determinante no sucesso ou não de um indivíduo em determinada profissão¹¹. Por exemplo, é provável que, em uma profissão como a do bombeiro militar, determinadas características possam interferir negativamente no desempenho de procedimentos. Por tais motivos, há várias etapas para a classificação e aprovação dos futuros profissionais, não apenas uma prova

objetiva: questionário de investigação social, exame de saúde, exame de avaliação física e exame de avaliação psicológica, justamente para comprovação de que tal candidato está apto a desempenhar essa atividade profissional. Pode-se perceber que nem todos “conseguem ser bombeiros” tomando por base a fala dos entrevistados: “O bombeiro é o único ser, eu acho, que quando vê o perigo, vai ao encontro, [...] e para isso o pessoal usa um jargão, tem que ter ‘na massa do sangue’, tem que sentir isso” (Informação verbal do entrevistado 4).

A profissão, talvez mais do que outras, vem acompanhada de um *status* social, servindo à sociedade para diferenciar e identificar papéis sociais, sendo uma opção de vida, escolhida conscientemente ou não, por busca de estabilidade financeira ou não¹². Essa escolha também pode ser motivada por esse fator, de ser uma profissão reconhecida, de ter uma “importância” maior, de ter um *status* social, de ser reconhecido como bombeiro 24 horas por dia, de ser tratado de forma diferente de outros profissionais, mesmo de segurança pública. Esses pressupostos tornam-se pilares que estruturam a segunda categoria: ser humano *versus* herói, pois os entrevistados trazem, em suas falas, a dificuldade de se desvincular da profissão e ter uma vida “normal”, nesta sociedade que lhes cobra a todo momento, que não lhes permite esquecer a função.

A valorização dessa categoria profissional pela sociedade é um ponto importante a considerar. Embora valorize esses profissionais, muitas vezes os recrimina por um salvamento sem êxito³.

A demora de algum atendimento sempre é interpretada como falha profissional, e não como uma situação que tenha fugido do seu controle, como, por exemplo, um desastre natural. De acordo com o relato do entrevistado 1, em muitas situações o profissional faz tudo o que está a seu alcance, muitas vezes colocando sua própria vida em perigo, e nem sempre esse esforço é reconhecido pela sociedade:

Às vezes a vítima está tão presa, tão presa, que você não consegue fazer tudo o possível, e mesmo sendo rápido

na madrugada, não tem um veículo na via, e você anda a 160, e chega a viatura não andar mais que isso, chega lá e a pessoa diz: “demorou”, daí na hora você até pensa, “dei o máximo possível”, e daí, com o tempo, você não dá mais bola. (Informação verbal do entrevistado 1).

A ideia preconcebida de que o bombeiro não pode errar também é relevante. Isso pode ser devido à insensibilidade, à rigidez e à disciplina que extrapolam o ambiente profissional, estando presentes também na vida pessoal. Natividade (2009) relata que a disciplina e a rigidez, que inicialmente são exigidas pela organização, passam a fazer parte da vida do sujeito como um todo³.

Os bombeiros entrevistados possuem essa compreensão e enfatizam que erros e falhas podem ser fatais e resultar em perda de vidas humanas, assim, estão cientes das consequências de seus atos e procuram exercer a profissão com o máximo de responsabilidade.

Profissionais como policiais e bombeiros ficam sujeitos a situações que exigem controle de suas respostas emocionais, o que pode levar a um alto nível de estresse, pois precisam esconder suas emoções, trocando-as por expressões mais adequadas à profissão, o que configura em uma característica da despersonalização¹³. Para o entrevistado 1, se o profissional deixar a emoção aflorar, e sentir ou chorar, o procedimento pode não ser o ideal. Com o tempo de experiência, essas situações são “superadas”:

No começo também quando tocava o telefone de uma certa forma era bom, opa, deu alguma coisa aí, o ruim é que é sempre para desgraça dos outros. Nunca vai atender uma alegria, sempre é um choro, sempre, e se toda vez tu vais chorar, chega um momento em que não tem mais lágrimas. (Informação verbal do entrevistado 1).

Esses profissionais ponderam que a atividade profissional é estressante e perigosa. Porém, sentem-se satisfeitos, com sentimento de dever cumprido e competência. Apesar das dificuldades, sentem-se realizados na profissão³.

Entretanto, de acordo com o entrevistado 4, esse reconhecimento, essa gratificação é muito particular, dependendo do que consiste esta palavra, de que significado tal conceito tem para cada um destes profissionais:

Depende do que tu descreves como gratificação. Se é reconhecimento das pessoas depois de uma ocorrência, de salvar o gatinho da árvore. Agora faz parte, mas no começo tinha aquela cobrança psicológica interna, tipo assim, [...] de ter a sensação de dever cumprido. (Informação verbal do entrevistado 4).

O reconhecimento pode ser proveniente do trabalho que realizam, muito embora esse reconhecimento, quando existe, seja designado ao comando.

É comum o profissional bombeiro, mesmo estando como “civil”, não ser reconhecido pela sociedade como tal, e sim, continuar vinculado ao seu papel e função profissional, sendo chamado de bombeiro e exigido como tal, a qualquer hora e local, pelas pessoas:

Já me aconteceu isso que falei, do pessoal chamar por bombeiro e não pelo nome, isso é bom, bah. O reconhecimento pelo trabalho, e a sociedade te trata diferente, não sei. Te, te rotulam, de uma forma que é para o bem, é bom. Tudo parece que é o bombeiro, então já ficam de olho, sabe, é isso, mas é, é bom, não é ruim, muito pelo contrário, é muito bom. (Informação verbal do entrevistado 1).

No discurso acima, é evidente que esse bombeiro gosta de ser reconhecido dessa forma, mas do mesmo modo, talvez para outros, isso possa atrapalhar, ser desagradável, nem sempre aceito por todos os profissionais.

Em relação ao corpo de bombeiros, os procedimentos, o método necessário a ser aplicado, a linha de ação que precisa ser seguida, e a atenção que precisa ser mantida, faz com que seus sentimentos sejam reprimidos, não sobrando lugar para a emoção emergir, buscando, assim, outras maneiras para poder manifestar os sentimentos¹⁴.

Nesse contexto, cada bombeiro se

relaciona de modo diverso com sua profissão, desenvolvendo possibilidades e táticas próprias no convívio com os resultados produzidos e com os equipamentos necessários ao trabalho, bem como com o caráter de urgência que, muitas vezes, aparece permeando suas funções. Um ponto muito difícil de ser alcançado, lembrado pelos entrevistados, é desvincular-se da profissão, tentar ser civil, sem esquecer seu papel como profissional de segurança:

Ah, desvincular da profissão, é, no começo era mais difícil, hoje, hoje eu consigo desvincular um pouco mais fácil, até porque a gente se torna um pouquinho mais observador. Aí é aquela questão, desvincular, o celular sempre ali ligado porque te chamam, às vezes tu acabas ficando chateado porque não te ligaram para fazer um serviço, é natural porque tu gostas de ir para o atendimento. Mas cem por cento você não desvincula. Até porque já percebi dentro do efetivo que o pessoal já conhece os caras. (Informação verbal do entrevistado 2).

Agora, é importante lembrar os resultados de uma pesquisa realizada sobre a confiabilidade das profissões. Conforme a pesquisa, a população considera a profissão de bombeiro militar como a mais confiável, ou seja, está em primeiro entre as profissões mais confiáveis, apresentando um índice de 98% de confiabilidade, o que evidencia uma excelente imagem profissional, o que, de fato, não deixa de ser mais um item a realçar a ideia de que o bombeiro é um profissional perfeito, confiável, que não erra e que não pode errar⁸. Para o entrevistado 1, essa confiabilidade, a população saber que pode chamar a qualquer momento, para qualquer situação, é que fornece esses subsídios para o reconhecimento desse grupo profissional:

Então a credibilidade do bombeiro é devido ao fato, precisou, você sempre, não tem dúvida, chama o bombeiro, aí que está, chamou o bombeiro, sempre vai, sempre vai, nunca vai deixar alguém desamparado. Por mais que algum dia a gente vá lá e talvez não resolva a

situação, não consiga, porque o bombeiro é um ser humano, que todo mundo acha o bombeiro é herói, bombeiro isso e aquilo, mas não é. Eu, na minha pessoa, e como bombeiro vejo que a gente só faz o que os outros não conseguem fazer, que não estão preparados [...] É isso que dá credibilidade para nós, de ser herói, de chegar onde está e a pessoa precisa de um ombro, poder chegar e chorar, é assim que eu vejo. (Informação verbal do entrevistado 1).

Foi possível perceber, com base nas falas dos entrevistados, que eles têm muito amor à profissão, apesar de também ter ficado perceptível o quanto pesa carregar esse título de “bombeiro”, e muito mais o de “militar”, que, aos olhos da sociedade (e deles próprios), é aquele que é forte, que não deve se queixar de nada, que deve suportar tudo: *“Mas o amor pelo o que você faz é o ponto fundamental. Você vir aqui fazer, estar aqui, ser um do grupo, isso aí já é gratificante”* (Informação verbal do entrevistado 1).

Os bombeiros falam da qualidade de herói com simplicidade, sem ostentação, e com singeleza sobre as atividades do cotidiano, sendo que a heroicidade está presente de modo definitivo em seu imaginário. Entretanto, há divergências entre os entrevistados em relação ao conceito de herói, pois alguns não acham que isso seja o que eles representam, sendo apenas técnicos treinados e preparados para realizar um procedimento que outros não conseguem fazer:

“Até assim o termo de herói eu não gosto, porque herói não é assim. Tu és só um técnico treinado [...] eu vejo isso diferente” (Informação verbal do entrevistado 2).

Ao contrário de se sentirem pressionados pela imagem que a população atribui a eles, da competência, da potência, os entrevistados se reconhecem nela e a colocam como ponto positivo da profissão, não lhe atribuindo pressão psicológica, segundo o entrevistado 3:

Acho que no fundo, todo bombeiro que consegue fazer um salvamento, alguma

coisa, se sente um pouco herói, né, porque já é o lema né, bombeiro, o herói né, sempre, mas não assim para pessoa, bah eu me acho herói, não é bem assim como funciona né. (Informação verbal do entrevistado 3).

Essa desvinculação entre ser humano e ser herói é necessária ao profissional. Segundo os entrevistados, é preciso “bloquear” alguns sentimentos e emoções para o desempenho das atividades necessárias. Isso sustenta a terceira categoria encontrada: uma barreira automática, a percepção de estar mais “frio” no desempenho da profissão.

Nessas organizações está presente a ideia de que no ambiente de trabalho algumas emoções devem ser inibidas¹⁵. O indivíduo aprende onde expressar ou inibir alguns sentimentos no processo de socialização, contribuindo assim para que algumas emoções e afetos sejam comuns a todas as culturas, ao mesmo tempo em que outras são evitadas¹⁶.

No caso dos bombeiros, na prática profissional é exigido que seja evitada a manifestação de emoções, a fim de não prejudicar o procedimento, como se pode perceber por meio da seguinte fala:

Acho que muda o meu sentimento, é emoção, amor, alguma coisa assim, que vai e afeta de certa forma, você fica criando essa barreira e que talvez ela seja tão forte, que você acaba não sabendo. Você consegue fazer a barreira para atender a ocorrência lá, e depois você vem e acaba sendo um pouquinho frio, fica um pouco fechado. (Informação verbal do entrevistado 1).

Os bombeiros entrevistados, ao relatar seus sentimentos em relação às emoções vivenciadas no dia a dia do trabalho, afirmam que a ocorrência mobiliza as emoções, desde o momento da chamada ao telefone de emergência, quando ainda não se sabe ao certo a gravidade da situação, nem o que pode ser encontrado no local da ocorrência, conforme pode ser observado no trecho que segue:

Quando tu sais daqui, é automático da gente surgir uma barreira, você só pensa em ajudar, você não pensa nas consequências que vai ter ali. [...] E uma

coisa que você vai perdendo, que eu vejo, é a sensibilidade de demonstrar, por exemplo, você vê uma pessoa caída no chão, vai se desesperar, vai chorar, é o que acontece com as pessoas, nós, como bombeiros, não é assim, ajudamos, tem que ajudar. (Informação verbal do entrevistado 1).

A sociedade faz cobranças esperando que o bombeiro atue da maneira que ela espera, ou seja, não demonstrando sentimentos, podendo isso ser visualizado através da coragem ao executar uma tarefa difícil e perigosa, onde é preciso que o bombeiro oculte a ansiedade e o temor, mantendo-os distantes da consciência, possibilitando desempenhar tais tarefas¹⁷.

As emoções constituem a vida da pessoa, como uma linguagem, onde são expressas percepções internas. São sensações que ocorrem em resposta a fatores geralmente externos. Têm força, são transitórias, intensas, mas não permanentes. Isso significa que algo que emociona alguém hoje, poderá amanhã não emocionar mais¹⁸.

A profissão em si faz com que você acabe se tornando frio né, pode ser frio entre aspas [...] porque sentir, você sente, você é humano, mas não pode deixar que isso atrapalhe no procedimento, se não, não vai sair os 100%, tipo isso já é automático, programado. (Informação verbal do entrevistado 4).

Quando os entrevistados relataram sobre essa barreira da “frieza” ser automática, o discurso deixou claro que é um efeito do treinamento ao qual são submetidos ao se inserirem na corporação. Segundo suas falas, nos nove meses em que estão sob treinamento, com aulas práticas e teóricas, tornam-se diferentes, prontos para agir automaticamente em determinadas situações, sem que o sentimentos se manifestem.

Na instituição observada, nota-se que, com relação aos aspectos citados, os bombeiros constroem maneiras próprias de conviver com o caráter penoso do ofício, efetuando rodízio de atividades a fim de não sobrecarregar apenas

determinados sujeitos e também mantendo um clima de “camaradagem” e humor entre si, visando amenizar os aspectos desgastantes do serviço, relacionados com tensões e tragédias.

De acordo com o entrevistado 2, a experiência profissional é fator fundamental para que essa barreira automática se solidifique e se torne comum ou normal na prática diária de suas funções: *“Com o tempo, você acaba ficando um pouco mais frio, digamos assim né, é, não tem costume de fazer tantas brincadeiras, às vezes está um pouco mal-humorado”.* (Informação verbal do entrevistado 2).

Além disso, eles afirmam que cada um vivencia, a sua maneira, essas situações, engajando-se em atividades como pesca, jogos de futebol, acampamento, convivendo com a família, enfim, estratégias variadas para relaxar e lidar com os sentimentos desagradáveis suscitados pelo serviço. Porém essas mudanças não passam despercebidas pelos familiares e amigos mais próximos:

Daí a pessoa: “bah, mas tu estás frio, tu estás mudando”, eu não sei se é frio ou realmente se é meu profissionalismo que me dá calma, tranquilidade. Eu ajo com tranquilidade em todas as situações, a pessoa quer que tu chores em determinada situação, mas tu estás formado de uma maneira que não vai chorar [...] Por isso a pessoa diz: “bah, tu estás mudado”. Eu, parece que não mudei, né, para o pessoal, sim. (Informação verbal do entrevistado 1).

Percebe-se, ao longo do discurso, que realmente esse fator da barreira automática é particular, em alguns pode ser mais evidenciada do que em outros, muitos a encaram como resultado de profissionalismo, outros como característica pessoal.

A emoção está relacionada à falta de controle, à inabilidade de agir de forma rápida, precisa e impiedosa, frente ao perigo à vida alheia. Portanto, estes profissionais são treinados a fim de que seus sentimentos não interfiram na qualidade do atendimento, tornando-se, em determinadas situações, pessoas mais

“frias”, o que, na sua totalidade, não pode ser considerado como algo negativo, mas, sim, necessário, utilizando-se disso como uma estratégia defensiva para a realização do trabalho¹⁷.

Ainda, o profissionalismo está ligado a não ter dúvidas no momento da ação, cautela para situações inesperadas em qualquer dia, horário e lugar, estar ciente de que o ato máximo da ação é o autossacrifício. A compensação desse empenho é íntima ao bombeiro, estando ligada à consciência dele¹⁷.

Em relação aos aspectos emocionais, as emoções e sentimentos são ignorados ou destinados a um papel de segunda ordem na dinâmica da instituição, no entanto, considerá-los como variáveis menos importantes e menos decisivas é cooperar para o aparecimento do estresse profissional¹⁹.

Dando continuidade à análise, chega-se à quarta categoria encontrada, a qual está relacionada à vida familiar. Trata-se de como a família do bombeiro percebe sua profissão, e se tem influência na estrutura da dinâmica familiar, ou seja, se o desempenho da função afeta seu relacionamento em casa.

Sobre tais aspectos, os bombeiros, por vezes, afirmaram que o ambiente do trabalho é como uma segunda casa. Mas pontuam que ele interfere no convívio familiar, pois muitas vezes trabalham em ocasiões em que toda a família está de folga, como, por exemplo, no feriado de final de ano e finais de semana.

Quando questionados sobre o que os seus familiares acham da profissão, a grande maioria dos bombeiros percebe que a família aprova³, o que também pôde ser constatado no presente estudo:

Olha, para minha família, acho que eles enchem o olho de lágrimas quando falam. Falam assim: “ah, é o quê? é bombeiro”, maravilhoso para eles ser bombeiro, porque não é qualquer um que consegue ser, muitos querem, mas não conseguem. (Informação verbal do entrevistado 1).

Isso é um fator positivo, visto que, para a construção da identidade, é necessário que o próprio sujeito se

reconheça no papel que exerce, como igualmente deve perceber que o outro também o reconhece nesse papel, principalmente quando esse outro é um outro significativo, como no caso da família. É esse outro que confirma o papel que o sujeito exerce em suas relações, e isso é essencial para a construção da identidade.

A percepção que tem a família sobre a profissão é, segundo o entrevistado 2, muito importante:

Eles gostam, eu acho, bacana. Tipo, hoje, meu irmão é bombeiro voluntário, a minha noiva é bombeira voluntária. Eles acabam participando, sabem que é importante, mas nunca pedi para eles o que eles acham da minha profissão. (Informação verbal do entrevistado 2).

Entretanto, nem sempre a família tem esse contato mais próximo, especialmente acerca de questões como as vivenciadas no quartel ou corporação; essas, geralmente, não são comentadas em casa, com a esposa, mãe ou outro familiar. As ocorrências atendidas, em geral, apenas são comentadas entre os próprios bombeiros, mas somente os termos técnicos, se tal procedimento foi o mais adequado, o que poderia ser aperfeiçoado para uma ocorrência seguinte. Nota-se que as emoções, os sentimentos que a ocorrência gerou não são expressos, não são comentados, nem mesmo com os colegas. Talvez isso se deva ao fato de serem militares, e por tal motivo “terem” que suportar tudo sozinhos, serem fortes.

A grande maioria dos bombeiros considera que a família aprova a escolha profissional e que a população civil tem uma boa imagem de sua profissão, pois consideram que são percebidos como profissionais que estão sempre prontos a atender, educados, profissionais úteis na sociedade³, o que também não deixa de ser uma forma de reconhecimento profissional: *“Na verdade, eu sou um orgulho para eles, tipo, a minha mãe conta pra todo mundo que ela tem chance, que eu sou bombeiro. Ela adora, e meu pai também, os pais querem o melhor para o filho”.* (Informação verbal do entrevistado 4).

Sabe-se que é na família que se

inicia o processo de construção da identidade, que essa construção tem importante papel no desenvolvimento da personalidade do indivíduo e que, em muitos momentos de dificuldade, é o “porto seguro” para as pessoas.

Um desses momentos de grande carga emocional, no caso dos bombeiros, é o momento da morte, quando fizeram o que poderia ter sido feito, mas não obtiveram êxito no salvamento e a vítima foi a óbito. As perdas do bombeiro caracterizam a quinta categoria encontrada, o como lidar com a morte, quando ela se torna “companheira” na profissão.

“A morte pertence à condição humana” (BROMBERG, 2000, p. 23)²⁰, isto é incontestável. Somos seres vivos mortais. Sobre isso, diferentemente de outros seres, o homem possui consciência sobre a mortalidade e sobre a finitude de sua existência²¹. Contudo, quando a morte acontece, o profissional tem o sentimento de frustração, por não ter conseguido salvar aquela vida, e muitas vezes, esquece-se de todas as outras que já salvou:

Quando ela morre a gente perde todo aquele ânimo que teve no início, mas é o trabalho que tu tens que fazer. E você coloca tua vida em risco, e você coloca tua vida em risco para chegar logo no local, para conseguir salvar a pessoa, e ela morre, aí você fala para a família: fiz de tudo, por mais que tentei, só que não deu. (Informação verbal do entrevistado 1).

A morte é a única presença constante na vida²⁰. Para a autora, vive-se morrendo, pois é justamente pela extinção da vida, ou seja, por viver, que se morre, e para os profissionais que trabalham diariamente com esse risco, como no caso dos bombeiros militares, é fundamental ter este discernimento: “Até voltar tem que fazer de tudo para, mas às vezes não dá, é a lei da vida e da morte”. (Informação verbal do entrevistado 3).

Mesmo os profissionais que prestam assistência, como médicos, enfermeiros, e bombeiros, em geral se protegem tão cabalmente contra a dor e a angústia brutais na perda provocada pela presença da morte²², que evitam enfrentá-la: “É bem

complicado, porque tu já passaste às vezes horas ali em cima tentando fazer, reanimar, e saber que não vai adiantar, que tu vais ter que parar porque a pessoa já está em óbito, né”. (Informação verbal do entrevistado 3).

Falar sobre a morte se tornou proibido no século XX, inexistindo na comunicação entre as pessoas. Porém, no início do século XXI, a morte ficou cada mais próxima, em decorrência, especialmente, do progresso das telecomunicações²³.

Entretanto, a TV introduz, diariamente, em milhões de lares, cenas de morte, de violência, de acidentes, de doenças, sem a mínima possibilidade de elaboração, dado o ritmo propositalmente acelerado desse veículo.

Então, ao mesmo tempo em que é interdita, a morte torna-se companheira cotidiana, invasiva e sem limites, e, embora essas mortes estejam tão próximas (real ou simbolicamente), reina uma conspiração do silêncio:

Hoje, não tem como falar dos bombeiros, sem falar do acidente de 2007¹, quando nós descemos, descemos em três, rindo, conversando, brincando, e só eu voltei. [silêncio] É complicado [silêncio]. O mais difícil assim, é superar que você não consegue salvar todos, entender isso é o mais complicado, lidar com essa frustração [...] nós não somos deuses. (Informação verbal do entrevistado 2).

A negação é a forma prioritária que a sociedade moderna assumiu para lidar com a morte. Ainda que a morte aconteça diariamente no seu seio, a instituição, e mais ainda os profissionais não se sentem preparados para lidar com ela.

A noção da morte pode reforçar na pessoa diversos sentimentos, como a angústia, a insegurança, o temor, o

¹ No dia 9 de outubro de 2007, na BR-282, próximo à cidade de Descanso – SC, envolveram-se em acidente duplo um ônibus e um caminhão, e posteriormente um segundo caminhão, que atingiu a equipe de profissionais que auxiliavam no socorro às vítimas do primeiro acidente. Este evento totalizou duas ocorrências, em que 90 pessoas ficam feridas e 27 vítimas fatais, entre elas, quatro bombeiros militares que trabalhavam no local.

arrependimento, a culpa e a revolta, entre outros²⁴.

Porém, em uma instituição em que tais sentimentos não podem ser expressos, a carga emocional a que os profissionais se submetem provoca o desenvolvimento de estratégias defensivas para lidar com estas situações estressantes e mobilizadoras:

Em todas as ocorrências que atendi até hoje, eu não chorei pela situação, mas uma foi bastante chocante, que foi quando deu o acidente há 3 ou 4 anos, foi em 2007, já vai fazer 4 anos, que morreram os bombeiros. E eu estava lá, o cara que desceu comigo morreu, só que daí, o choro, mesmo assim, eu não sei, alguns, assim, choram, eu não sei se sou eu, ou é o outro, porque o sentimento de atender a ocorrência é o mesmo, né, o ponto de estar correndo perigo, ele chora e eu não, daí eu não consigo entender [...] É, na verdade, eu chorei, mas não na hora. Eu chorei no velório, em lembrar que saímos todos juntos, rindo, conversando, chegamos lá, ele falou: faz isso aqui, me ajuda, esses fatos. (Informação verbal do entrevistado 1).

Talvez o “não chorar” trazido pelo entrevistado possa ser resultado da barreira automática, ou do choque no momento do acidente, mas essa ocorrência difere de todas as outras que eles atenderam, pois envolvia diretamente pessoas conhecidas, os próprios colegas de profissão. Porém, se os entrevistados chorassem no momento, provavelmente os procedimentos necessários seriam prejudicados, devido às emoções.

A negação da morte é uma das possibilidades de não entrar em contato com as situações que causam dor. A negação e a repressão permitem que se viva em um mundo de fantasia, onde há a ideia ilusória da imortalidade²⁵.

Se o medo da morte estivesse constantemente presente, não se conseguiria realizar os sonhos e projetos. Existe, no ser humano, o desejo de se sentir único, criando obras que não permitam o seu esquecimento, dando a ilusão de que a morte e a decadência não ocorrerão.

Essa espécie de couraça de força é uma mentira que esconde uma fragilidade

interna, a finitude e/ou a vulnerabilidade. Embora a morte seja uma certeza, o profissional não está preparado para lidar com tal situação, principalmente quando envolve colegas de profissão, e o acontecimento citado provocou mudanças no comportamento dos que sobreviveram, como mostra o discurso do entrevistado 4:

Depois daquele fato, eu não fui mais o mesmo [...] fui eu que estava no IML, levando os mortos, e o cara de lá disse: “tu tens que ficar aqui, tu tens que reconhecer os corpos”, eram meus colegas, é o pior tu vê os caras que desceram contigo ali na maca.

Os profissionais de saúde que cuidam do sofrimento alheio e que, muitas vezes, não têm espaço para cuidar da sua dor, estão enfrentando situações-limites, levando-os ao adoecimento²⁵.

Com base no relato dos entrevistados, ou seja, um acidente automobilístico, em 2007, ter vitimado vários bombeiros, fez com que eles percebessem que também estão entre as pessoas que podem morrer, mesmo que estejam preparadas para salvar. A morte não incomoda o ser humano, mas, sim, o fato de ele como sujeito morrer:

Nunca tinha acontecido, apesar de eu nunca ouvir falar de bombeiros envolvidos em ocorrências assim, [...] umas horas antes estava ali comigo, de repente, estava morto né, [...] foi bastante difícil, além de saber que tinha bombeiros feridos, bombeiros mortos, tu tinhas que ajudar os outros. (Informação verbal do entrevistado 3).

Nesse sentido, o profissional bombeiro lida constantemente com uma forte carga afetiva em seu trabalho. Em ocorrências que envolvem vítimas, os bombeiros podem estar face a face com a morte, ou presenciar cenas muito fortes. Destaca-se que após a ocorrência, eles voltam ao trabalho sem nenhum suporte que os ajude a encarar tais situações, que, por mais cotidianas que sejam para eles, nunca deixam de ser traumáticas. Precisam agir como se nada tivesse acontecido e estar prontos para novo chamado.

Sabe-se, contudo, que a ocorrência citada desenvolveu uma nova forma de perceber a profissão de bombeiro na região, pois, após o fato, em toda ocorrência que apresente uma situação similar, há um receio, por parte dos profissionais que estão trabalhando, de que se repita o caos do dia 9 de outubro de 2007, que outros bombeiros morreram; medo este visível no discurso do entrevistado 3:

Perigo, perigo porque que nem enfrentar esse acidente dali debaixo envolveu bombeiros né, tu tens que sempre ficar alerta, quando deu esse outro acidente, o segundo deu mais grave e fez pouco tempo, há, a gente estava atendendo o pessoal ali em cima da pista, escutava qualquer barulho, já ficava alerta, né, porque o cara pensa, vai descer outra carreta, é que nem ali do ônibus, o ônibus caiu na ribanceira, nós ajudamos ali, removendo o pessoal e os caras ficam lá em cima, isso que causa bastante medo.

Compreende-se que o tema da morte, do morrer e do luto se vinculam ao viver, não sendo restrito aos profissionais da área de saúde ou à pessoa acometida por uma enfermidade crônica tratável ou incurável que ocasiona a morte, e que perdas são eventos significativos que necessitam de problematização cuidadosa e contextualizada na sua abordagem.

Com relação aos fatores mobilizadores, a profissão de bombeiro faz com que seja de extrema importância o apoio psicológico para esses profissionais, com o objetivo de prevenir doenças e sintomas que possam prejudicar o resultado de seu trabalho, que deve ser executado com qualidade e responsabilidade para a sociedade que dele necessita, o que desencadeia a sexta categoria encontrada: o atendimento psicológico, que se refere à importância de esses profissionais receberem suporte e acompanhamento psicológico no desempenho da profissão¹³.

Foi citada a necessidade de serviço de “suporte psicológico” (termo utilizado por alguns dos participantes) para os profissionais que necessitem desse

serviço. Essa demanda de suporte para a saúde mental parece estar relacionada ao fato de expressar emoções ser tratado com reservas, ou até mesmo impedido dentro da corporação, como citado pelos entrevistados:

A instituição não fornece nenhum tipo de acompanhamento psicológico para a pessoa. Naquela vez, vieram profissionais de fora, ficaram 10, 15 dias, e vocês que estão na área devem saber que não é o suficiente para fazer alguma coisa, aquele foi um momento de desabafo só, e mais nada. Então até tem, [...] até gostaríamos, eu acho, não sei para mim, mas eu acho, que seria fundamental, [...] mas tem colegas de profissão, que estão bem, assim, como é que eu vou dizer, estão bem desgastados, já há muito mais anos, estão carregados, você vê que o cara já está ali só, porque às vezes dá uma coisa, eles chamam nós, então precisava de uma profissional para atender eles, [...] (Informação verbal do entrevistado 1).

O desgaste físico pode ser facilmente reconhecido pela corporação, enquanto o emocional, sem sintomas ou sinais aparentes no corpo, não pode ser exposto no local de trabalho, nem aceito no ambiente organizacional²⁶.

Os profissionais com atividades voltadas a cuidar da vida das pessoas, entre os quais se inclui o bombeiro, vivem com o organismo em equilíbrio sob a pressão de agentes estressores e, como forma de preservar a própria sobrevivência psicológica, desenvolvem estratégias para evitar a exposição das suas emoções.

A busca pelo atendimento psicológico foi comentada pelos entrevistados, contudo apenas um buscou esse acompanhamento fora da instituição:

Eu meio que acabei buscando particular, para ser bem sincero. Se fosse depender do apoio da corporação não dá, eu sinto uma falta de estrutura, não tem nada nesse sentido. (Informação verbal do entrevistado 2).

O bombeiro figura para o social como ideal de potência total, sendo responsável pela representação da ideia de que este profissional é um salvador

supercompetente, podendo resultar em uma pressão maior que esse profissional pode suportar: uma forte pressão psicológica que pode afetar sua saúde²⁷.

Os bombeiros, por trabalharem em ocorrências de emergência, estão mais sujeitos ao desenvolvimento de estresse no trabalho²⁸. Em estudo descritivo realizado com 161 bombeiros americanos a respeito de origens de estresse experimentadas no trabalho, identificou como principais fontes estressoras a morte ou o acidente com colegas de trabalho em serviço, a ajuda a pessoas jovens seriamente feridas ou mortas e o enfrentamento de problemas sobre os quais não se tem controle e que continuam ocorrendo sem que sejam tomadas providências por outros para reduzir seus efeitos²⁹.

Após o acidente ocorrido em 2007, que vitimou quatro bombeiros, a instituição do corpo de bombeiros recebeu suporte psicológico de outras regiões, entretanto, por poucos dias, apenas para uma escuta imediata, já que não dispõe de profissional efetivo que atue na corporação, o que, segundo o relato do entrevistado 3, é um dever do Estado:

Uma vez só o Estado proporcionou uma vez essa ajuda, logo depois que aconteceu, reuniu um pessoal, vieram umas psicólogas de Florianópolis e deram uma ajuda assim para nós, mas uma vez, como vocês sabem [...] tem que ser um acompanhamento, né. Tá, se a gente precisar do acompanhamento, a gente tem, mas a gente tem que pagar isso que o estado deveria dar para nós. (Informação verbal do entrevistado 3).

Por ser uma profissão em que muitas vezes os profissionais colocam a própria vida em risco para salvar outras, exigindo, muito deles, tornando-os mais expostos ao desenvolvimento de doenças, por isso precisam de apoio para realizar seu trabalho com satisfação, fator indispensável para que um trabalho seja realizado com competência e qualidade¹³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bombeiros, vistos de forma idealizada pela sociedade, devem resolver

as situações, sem a possibilidade de errar. Percebe-se, entretanto, que os profissionais não se percebem como perfeitos, sabem de suas condições humanas, que não podem fazer, resolver ou salvar todos, e buscam esse equilíbrio entre ter uma vida profissional que os satisfaça, sem esquecer a vida pessoal e familiar, embora seja bastante difícil conciliar tais tarefas.

Durante a coleta de dados, pôde-se perceber que a maioria dos entrevistados utilizou-se de estratégias de defesa, para não entrar em contato com os sentimentos e emoções reprimidos ao longo dos anos de profissão ou ainda para não demonstrar insegurança e receio durante a entrevista. Contudo, relataram ao final das mesmas, reações fisiológicas como sudorese, tremores, mãos geladas, que podem ser decorrentes da ansiedade, provocadas pelas situações estressantes a que foram expostos.

Por ser uma profissão em que as questões emocionais não devam manifestar-se, assumindo a função de heróis, os bombeiros não podem sofrer, sentir, precisar de ajuda, ao mesmo tempo em que suportam uma carga emocional diariamente no ambiente de trabalho.

Essa categoria profissional, portanto, necessita de maior atenção e de um espaço para expressar suas questões emocionais. O apoio psicológico é de fundamental importância para que as questões profissionais não afetem, de maneira negativa, o desempenho da função, bem como a vida social e familiar.

Uma das estratégias a serem adotadas pelas corporações de bombeiros em parceria com o Estado e Segurança Pública de Santa Catarina poderia ser a inserção do profissional psicólogo nas instituições abordadas, pois há grande necessidade de acompanhamento psicológico a esses profissionais, não apenas quando ocorre um grande acidente, mas nas situações diversas, que não têm dia nem hora para acontecer e que afetam seus sentimentos, emoções, medos e angústias, e que podem interferir em sua função a desempenhar.

A inserção do profissional psicólogo iria ao encontro de tal necessidade e teria uma função não apenas de tratamento,

mas principalmente uma função preventiva, para que esses profissionais tivessem um espaço de “descarga emocional”, de modo a não levar essas questões para a vida familiar e social.

Estudos posteriores são indicados no sentido de contemplar questões que não puderam ser aprofundadas no presente pesquisa, como por exemplo, a importância e a necessidade de acompanhamento psicológico para esta classe de trabalhadores. Os resultados demonstram uma efetiva deficiência em relação a como os bombeiros convivem com suas questões emocionais não expressas e conseqüentemente não resolvidas, o que muitas vezes pode interferir no atendimento à população.

REFERÊNCIAS

1. Monteiro JK et al. Bombeiros: um olhar sobre a qualidade de vida no trabalho. *Psicologia Ciência e Profissão*. [online]. 2007; 27(3):554-65. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v27n3/v27n3a14.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2011
2. Ternes A. Os voluntários do imprevisível: aspectos da organização e evolução dos bombeiros. Joinville: Seigrap; 19--.
3. Natividade MRD. Vidas em risco: a identidade profissional dos Bombeiros Militares. *Psicologia & Sociedade*. 2009; 21(3):411-20. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a15v21n3.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2011.
4. Santos LMMD. O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*. Jan.-abr. 2005; 10(1). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 mai. 2011
5. Soares, DHP. O que é escolha profissional. São Paulo: Brasiliense, 1988.
6. Bohoslavsky, R. Orientação vocacional: a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
7. Soares, DHP. O jovem e a escolha profissional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
8. Natividade MRD, Brasil V. A escolha profissional entre os bombeiros militares. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. Jun. 2006; 7(1). Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 out. 2011.
9. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2000.
10. Chizzotti A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 7. ed. São Paulo: Cortez; 2005.
11. Pervin, LA, John, O. P. Personalidade: teoria e pesquisa. Porto Alegre: Artmed; 2008.
12. Silva ALPD, Soares DHP. A orientação profissional como rito preliminar de passagem: sua importância clínica. *Psicologia em Estudo*. Jul.-dez. 2001; 6(2):115-121. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n2/v6n2a16.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2011.
13. Silva LCF, Lima FB, Caixeta RP. Síndrome de Burnout em profissionais do Corpo de Bombeiros. *Mudanças – Psicologia da Saúde*. 2010; 18(1-2):91-100. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/MUD/article/view/2270/2704>>. Acesso em: 30 out. 2011.
14. Toassi AJ, Stolf MC, Oliveira MRD. Inserção tecnológica no trabalho: etnografia das significações profissionais de bombeiros. *Psicologia Ciência e Profissão*. 2006; 26(2). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932006000200010&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 nov. 2011.
15. Gondim SMG, Siqueira MMM. Emoções e afetos no trabalho. In: Zanelli JC, Borges-Andrade JE, Bastos AVB. *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed; 2004. p. 207-233.
16. Prante M. Influência das emoções no trabalho dos bombeiros militares e profissionais do município de Maravilha. (2006). Trabalho de conclusão [Curso de Psicologia]. São Miguel do Oeste; Universidade do Oeste de Santa Catarina. CD-ROM.
17. Martins CF. Identidade ameaçada: uma interpretação etnográfica dos bombeiros do Distrito Federal. Brasília; 2003. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ceam/nepem/banco/MonografiaCristian.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2011
18. Bock AMB. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva; 2001.
19. Steinberg F. Ensaio. In: Moscovici F. A organização por trás do espelho: reflexos e reflexões. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
20. Bromberg MHPF. A psicoterapia em

situação de perdas e luto. Campinas: Livro Pleno; 2000.

21. Vendrusculo J. Visão da criança sobre a morte. *Medicina*. 2005; 38(1) Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/420>>. Acesso em: 16 fev. 2011.

22. Pincus L. A família e a morte: como enfrentar o luto. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1989.

23. Ariès P. História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: F. Alves; 1977.

24. Kübler-Ross E. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998; 296p.

25. Kovács MJ. Educação para a morte. *Psicologia, Ciência e Profissão*. 2005; 25(3):784-97.

26. Cremasco L, Constantinidis TC, Silva VA. A farda que é um fardo: o estresse profissional na visão de militares do corpo de bombeiros. *Cad. de Terapia Ocupacional da UFSCar*. 2008; 16(2): 83-90. Disponível em: <<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/viewFile/122/81>>. Acesso em: 10 nov. 2011,

27. Barcellos P. *Rev. Emerg.* Editora: Paula Barcellos. Rio Grande do Sul, jul. 2006.

28. Murta SG, Tróccoli BT. Stress ocupacional em bombeiros: efeitos de intervenção baseada em avaliação de necessidades. *Estudos de Psicologia*. Campinas. 2007; (24): 41-51. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n1/v24n1a05.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2011.

29. Outtlinger JM. Stress and firefighters: an exploratory study. *Dissertation. Abstract-International*. 1998; 58(8-B), 4503, S:419-4217.